

FORMANDO PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

GOMES, Heloisa Maria - PUC/SP

GT: Formação de Professores/ n. 08

Agência Financiadora:. Não contou com financiamento.

O interesse pelo tema deu-se a partir de minha história pessoal e profissional, atuando como coordenadora pedagógica no ensino médio profissional, e hoje ocupando o cargo de diretora em uma escola particular na região do ABC.

Como diretora, tenho participado de um momento impar de mudanças no nível de ensino, que durante estes vinte últimos anos esteve engessado, por questões burocráticas, atrelado a uma política educacional que impedia a autonomia e a inovação de suas estruturas curriculares, que reforçavam, como mostra sua história, um caráter dual estrutural organizado para oferecer formação acadêmica (para os alunos destinados a direção dos negócios) e formação técnicas (para os alunos destinados a funções subordinadas).

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, todos os sistemas estaduais de ensino brasileiro sofreram reformulações, no que tange ao ensino médio e ao ensino técnico.

Antes da lei, os então chamados cursos de 2º grau quer na modalidade de cursos profissionalizantes, quer na de cursos técnicos ofereciam na mesma escola, no mesmo período, integradas, a formação geral (sob a denominação de núcleo comum) e a formação técnica (chamada de parte diversificada).

Após a Lei nº 9394/96, o curso de 2º grau técnico, deixou de existir e passou a ser designado como ensino médio e educação profissional. Cursos independentes, mas que podem ser frequentados de forma concomitante ou seqüencial, em escolas diferentes, em períodos opostos, garantindo uma formação geral e técnica.

Na escola onde atuo, fez-se a introdução da reformulação dos níveis escolares, mantendo-se: para o egresso do ensino fundamental - o ensino médio e o técnico, de forma concomitante; para o egresso do ensino médio - o técnico, de forma seqüencial, dando cumprimento à lei.

Como integrante desse processo de mudança, e segundo **o interesse de explorar e conhecer o que os professores pensam e sentem sobre as mudanças ocorridas na educação profissional de nível médio**, prevemos para este projeto uma investigação qualitativa a partir de um conjunto de estratégias de investigação, conforme Bogdam e Biklen¹. Essas características nos interessaram, pois tivemos dessa forma **o professor como o foco deste estudo**, procurando a partir de suas percepções, expectativas e desejos, entender como um processo de formação contínuo poderá orientar e impulsionar os processos de mudanças na escola.

1. Descrevendo os procedimentos metodológicos e técnicos.

Sendo a escola onde a pesquisa realizou-se, o nosso local de trabalho, a opção por uma coleta de dados através de estratégias coletivas foi escolhida, buscando garantir a integridade dos dados.

A escola escolhida localiza-se na cidade de Santo André, região do Grande ABC é particular e foi autorizada a funcionar pela Portaria MEC-DEI nº70, de 20 de abril de 1965.

A escola oferece os cursos de educação básica (infantil, fundamental e médio), educação profissional (áreas de Informática, Comunicações, Turismo, Indústria, Química e Gestão), e educação superior (Administração e Turismo).

Atualmente, a escola possui em torno de 1.800 alunos e aproximadamente 90 professores distribuídos em duas unidades.

Nos últimos cinco anos, a escola tem se dedicado a reorganizar seus cursos. Novos planos foram elaborados para atender às diretrizes curriculares da educação profissional e do ensino médio.

1.2 Etapas de aplicação da metodologia de pesquisa.

O primeiro passo, foi apresentar um projeto de pesquisa à equipe pedagógica da escola, composta pelos diretores das unidades, coordenadoras pedagógicas e orientadoras educacionais.

Após a apresentação dos objetivos do projeto, traçamos um cronograma dos encontros com os professores, escolhendo algumas datas que não atrapalhassem as atividades da escola e sem prejuízo de dias letivos.

¹ BOGDAN & BIKLEN. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Rés Editora, 1994.

Consciente dos propósitos do projeto, a equipe pedagógica fez algumas observações importantes, as quais serviram como um pontapé inicial no processo de reflexão sobre as mudanças.

1. 2.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Como os professores da rede particular não têm horários livres, a não ser as “janelas” que dificilmente coincidem entre si, foram agendados no calendário escolar cinco encontros entre os meses de setembro e dezembro, em horários alternativos nas semanas das provas bimestrais.

Como os dias da semana desses encontros acabaram não sendo sempre os mesmos, a maior dificuldade foi conseguir professores que poderiam estar em todos os encontros. Obtivemos o compromisso de um grupo de 16 pessoas, a maioria mulheres, que lecionam nas duas modalidades de ensino (médio e profissional) nos períodos de manhã e tarde.

Com o objetivo de traçar o perfil do grupo, foi aplicado um formulário com treze perguntas abertas e fechadas, que tratam em suma de informações gerais sobre o professor. Dados esses que apontam para o seguinte perfil, do grupo de professores pesquisados:

- A idade média do grupo é de 44 anos. O que demonstra um grupo maduro e vivido;
- O exercício do magistério está na média de 18 anos, a maioria dos professores já exerce suas atividades há um longo período de tempo;
- Os índices de tempo de trabalho na instituição indicam que os professores estão trabalhando juntos há pelo menos sete anos, e a maioria participou das mudanças tratadas neste estudo.

Finalmente, essas informações permitiram definir o grupo da pesquisa como sendo: um grupo composto por maioria feminina, experiente, formando por pessoas que estão juntas na mesma instituição por um longo espaço de tempo, criando identidade e laços profissionais, habilitadas em sua área, interessadas em estar sempre atualizadas e informadas. São professores comprometidos e responsáveis por gostar do que fazem, e em contrapartida parecem não perceber que o esforço de mudança começa pela iniciativa de cada um, de forma individual, mas só acontece quando todos estiverem envolvidos em um projeto coletivo.

1.2.2 Descrição dos procedimentos metodológicos.

Foram definidos, quatro encontros com o grupo, que tiveram como estratégias os seguintes procedimentos:

- primeiro momento-sensibilização do grupo com dinâmicas que tinham essa finalidade e produção de dados individuais a partir de questões geradoras;
- segundo momento-texto provocativo para a leitura e discussão em pequenos grupos e a construção de painéis para o debate com os demais grupos.

Optamos por desenvolver duas estratégias diferentes: a primeira, individual, com a finalidade de reconhecer o que os professores pensam e sentem sobre os temas levantados, através de relatos escritos e individuais. Posteriormente em grupo, após a leitura do texto, buscar uma reflexão coletiva sobre os temas abordados através da troca de experiências, debates e construções de olhares compartilhados. Os temas abordados foram: Mudanças no mundo atual; Mudanças na formação dos alunos; Mudanças no trabalho dos professores.

Essa pesquisa partiu de uma abordagem que acredita em uma nova ortodoxia da reforma educacional, tendo como centro a visão dos professores, e como ela tem procurado preencher as complexas e diversas necessidades de ensino dos jovens atuais. Acredita que o mundo do ensino exige uma ampla dedicação, um trabalho intelectual árduo e muita energia emocional, consumindo muito tempo do professor. Neste século, as mudanças não se parecem com nenhuma outra já realizada, seja em substância, seja em seu âmbito.²

2. Organizando e analisando os dados coletados.

A partir das atividades de pesquisa realizadas, tendo os registros individuais transcritos, os painéis coletivos e algumas anotações extraídas pela observação durante os encontros, os professores se subdividiram em grupos e organizaram os dados em conformidade com os temas explorados, iniciando a categorização do trabalho: mudanças no mundo atual: conhecimento, tecnologia, trabalho e escola; o perfil da formação discente para o enfrentamento de um mundo em constantes transformações; o que pensam e sentem os professores envolvidos em um processo real de mudanças e reformulações legais.

² Ver: Prefácio VII. HARGREAVES, Andy. EARL, L. MOORE S., MANNING S. *Aprendendo a Mudar: o Ensino para além dos conteúdos e da padronização*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2002.

2.1 Mudanças no mundo atual: conhecimento, tecnologia e escola.

Os professores sujeitos da pesquisa reconhecem que as mudanças no mundo atual vêm ocorrendo em vários níveis: tecnológico, econômico, social, nos valores estruturais que envolvem a família, a sociedade, a religião, nas atitudes e crenças diante de determinadas ocorrências e conceitos, na individualização de sentimentos e idéias.

A facilidade de acesso a grandes quantidades de informações pelos meios de comunicação através da informática e os novos conhecimentos produzidos pelos avanços tecnológicos são algumas mudanças destacadas por todos.

Porém, e em contrapartida a esse movimento, eles reconhecem que a violência vem aumentando, o desemprego crescendo, e o empobrecimento dos povos e as guerras são uma resposta para essas mudanças.

Essa dualização, para Flecha e Tortajada,³ se expressa na educação, no fato dessa sociedade da informação priorizar o domínio de certas habilidades. Então, as pessoas que não possuem as competências para criar e tratar informações, ou o conhecimento valorizado pela rede, acabam excluídas. Vai-se caracterizando uma sociedade onde a educação, ao proporcionar esse acesso, torna-se um elemento-chave que possibilita oportunidades ou aumenta a exclusão, e existem vários estudos que debatem a questão da “exclusão digital”.

Todos concordam que essas mudanças vêm ocorrendo de forma desigual e muito rápida, trazendo um excesso de informações que causam nos indivíduos sentimentos de impotência, despreparo, urgência, insegurança e perplexidade.

Por serem mudanças muito bruscas e aceleradas, não têm possibilitado tempo de assimilação para aceitação ou recusa desses novos valores impostos pela sociedade.

2.1.1 As dificuldades e facilidades dos indivíduos em aceitaras mudanças.

Não basta estar disposto a aceitar mudanças, é necessário um certo tempo de preparação. O indivíduo apresenta naturalmente resistência para a mudança, portanto a participação no processo é essencial para a aceitação do novo.

³ In: IMBERNÓN (org.). *A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre, RG: ArtMed, 2000, p. 24.

Entre as dificuldades dos indivíduos em aceitar as mudanças, o grupo de pesquisa aponta o medo, a insegurança e o comodismo.

Heagreaves,Earl, Moore e Manning⁴ asseguram que um meio para entender por que as mudanças educacionais são desafiadoras para os professores é verificar quatro perspectivas:

- A perspectiva técnica - que implica aperfeiçoar as habilidades técnicas dos professores. Atualmente os processos de ensino são muito mais complexos e exigem dos professores mais criatividade, flexibilidade e abertura, capacidade técnica. Neste sentido, a formação do professor seu processo de aprendizado também é tecnicamente difícil.
- A perspectiva cultural - que estimula a capacidade de compreensão dos professores em relação às mudanças que estão enfrentando. A perspectiva cultural refere-se aos significados e às interpretações que os educadores atribuem à mudança; de que forma ela afeta e até confronta as crenças dos professores e suas práticas; como os professores entendem as mudanças que enfrentam; e, finalmente, aponta o impacto da mudança nas idéias, nas crenças, nas emoções, nas experiências e na vida dos professores.
- A perspectiva política - que procura entender como o poder é exercido sobre outras pessoas ou desenvolvido com elas, com grupos, e como seus interesses influenciam o processo de inovação e reforma, e de que maneira as finalidades da educação abordam, ou desafiam as distribuições de poder social, ou concordam com elas. Nessa perspectiva, importa que o professor, ao se envolver com o processo de mudança, faça-o de maneira crítica e levantando questões acerca de quem e para quem as mudanças estão a serviço. Nem toda mudança é boa, assim a resistência a ela nem sempre deve ser considerada como um obstáculo ou problema.
- A perspectiva pós-moderna - o caos que reina na sociedade pós-moderna torna as transformações mais complexas. A velocidade das mudanças é cada vez maior, provocada pela tecnologia e pelas formas de comunicação cada vez mais ágeis. A mudança é mais incerta, serve a vários grupos de interesse, as escolas e seus problemas também mudam rapidamente, e neste sentido já não é possível vislumbrar uma mudança em uma perspectiva linear e limitada.

⁴ HARGREAVES, Andy. EARL, L. MOORE S.,MANNING S. *Aprendendo a Mudar: o Ensino para além dos conteúdos e da padronização*. Porto Alegre,RS: ArtMed Editora, 2002, pp. 113-120.

Outra questão levantada pelos professores é o fato de que mudar dá trabalho, requer esforço e dedicação.

Dessa maneira, a postura de se aceitar um movimento de mudança já é de grande valor e verdade. Porém, sustentar esse processo, colocá-lo em prática e executá-lo é uma ação muito mais exigente que requer habilidades e competências, a fim de se desenvolver no professor uma atitude pró-ativa e motivadora.

2.1.2 Como as mudanças estão afetando a escola na óptica docente.

Uma das mudanças que mais incomodam os professores são os avanços tecnológicos que invadem o espaço escolar, principalmente na figura do computador.

Alguns professores sentem-se ainda pouco à vontade, ou pouco familiarizados com o computador. Não obstante terem consciência de que para os alunos a tecnologia faz parte do seu universo, ressaltam que os alunos não conseguem perceber essa tecnologia como aliada para o desenvolvimento das habilidades de pesquisa e investigação. A vasta gama de informações, somada à imaturidade, à falta de senso crítico do jovem, tem causado mais prejuízos do que benefícios. No sentido de estarem perdidos sem um “filtro” de qualidade quanto às informações recebidas, criam um universo muito diversificado e pouco significativo.

Pozo⁵ compara: “*O computador é um elemento tão natural em seu ambiente como o foram para nós o rádio e a televisão.*” Logo, é penoso para os professores a incorporação desses elementos em sua cultura, a imposição e a urgência causam uma certa sensação de *perda de identidade*, o que não significa que não se possa e deva reagir, (re)organizando-se e (re)significando novas formas de aprender para ensinar.

Uma outra questão levantada com muita insistência pelo grupo é o fato de parecer que a escola e os professores estão desempenhando hoje um papel que vai além do de educar, papel este que outrora era dos pais e da família.

Para o grupo, a escola é vista na sociedade de mudanças como um espaço social e de convivência, de construção da cidadania.

Há clareza para os professores quanto à necessidade de se rever as estruturas da escola: como se ensina; o que se ensina e para quem se ensina.

⁵POZO, Juan Inácio. *Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2002, p.36.

2.2 A formação profissional discente para o enfrentamento de um mundo em constante transformação.

Para a maioria dos professores, o aluno que chega hoje na escola, inserido nesta sociedade da informação, tem vivenciado e experimentado inúmeras mudanças que se refletem em um comportamento.

De forma geral, considerando algumas exceções, os alunos apresentam inúmeras dificuldades e deficiências. Entre elas, as mais citadas são: dificuldade de comunicação, distração, pouco senso crítico, falta de motivação, falta de interesse em aprender, e desvalorização da figura do professor e do que representa a instituição escolar.

Contrários a essas idéias negativas sobre os alunos, alguns professores ressaltam que: o jovem é hoje muito mais aberto e capaz de adaptar-se às mudanças, mesmo por uma questão de sobrevivência; é muito criativo, tem gosto de expor suas idéias, tem uma visão ampla do mundo, sentindo-se incomodado com a situação atual, mas não sabe como transformá-la.

Os professores alertam a respeito da defasagem de formação, que no caso dos alunos que cursaram o ensino fundamental na rede estadual, tem se mostrado grave: sérios problemas no conhecimento da língua portuguesa, em operações matemáticas e em conceitos gerais de ciências.

Essas dificuldades têm levado muitos professores a trabalhar esses conceitos no ensino médio em detrimento dos conteúdos que deveriam ser ministrados neste nível de ensino.

2.2.1 O perfil de formação desejado pelos professores.

Para os professores, o profissional do futuro deverá saber aliar conhecimento teórico ao conhecimento prático, transformando idéias em ações. A habilidade técnica é imprescindível para o profissional, mas não o bastante.

Deve-se pensar em formar profissionais capazes de gerenciar sua vida e sua carreira, dispostos, abertos e conscientes da necessidade de constante aprendizagem.

O profissional deve estar atento à necessidade de uma formação permanente e de uma reciclagem profissional e às conseqüências de um mercado de trabalho cada mais flexível, mutável, que impulsionado por um ritmo acelerado de avanços tecnológicos, obriga-o a estar sempre aprendendo coisas novas.

O grupo aponta que uma das habilidades mais exigidas para o atual profissional refere-se à sua capacidade de resolver problemas, enfrentar riscos e desafios.

As mudanças no mundo do trabalho exigem uma nova relação entre o homem e o conhecimento, que não se esgota em procedimentos lineares e técnicos, aprendidos pela memorização, mas passa necessariamente por um processo de educação: inicial e continuada.

Um processo que tem como concepção a aquisição das autonomias intelectual, social e humana adquiridas por meio do acesso aos conhecimentos científico, tecnológico e sócio-histórico⁶.

2.2.2 O papel da escola na formação profissional.

O papel da escola está em formar seus alunos para atuarem no mundo, como profissionais conscientes e críticos de sua realidade, propiciando o desenvolvimento de suas capacidades.

Capacidades desenvolvidas dentro de um processo de aprendizagem que se define, na sociedade moderna, por uma educação generalizada e uma formação permanente e maciça, envolvida por uma saturação informativa, consequência dos novos sistemas de produção, comunicação e conservação da informação, assim como por um conhecimento descentralizado e diversificado, que cria uma nova demanda de aprendizagem nos sentidos tanto quantitativo como qualitativo.⁷

Para os professores, é papel da escola, na sociedade atual, formar alunos em uma concepção mais ampla: social e cultural. É ver a escola dentro de uma abordagem *crítico-democrática*, que significa para Rigal⁸ que a escola deve cumprir o papel de formadora do cidadão. Para tanto, deve ter como objetivos fundamentais: a contribuição, no plano público, para a formação de uma cultura do discurso crítico sobre a realidade concreta; a socialização de valores e de práticas democráticas, propiciando uma participação ativa e crítica nas organizações.

⁶ KUENZER, Acácia Z. Texto publicado. In: Educação & Sociedade, ano XXI, nº70, abril/00, intitulado “ O ensino médio agora é para vida:entre o pretendido, o dito e o feito.” Neste texto, entre outras coisas, a autora procura desvelar o caráter ideológico do discurso oficial que afirma que o novo ensino médio agora é para a vida, em substituição ao modelo que, ao integrar educação geral e profissional em uma mesma rede, era para o trabalho, entendido como “não vida”.

⁷ POZO, Juan Inácio. *Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2002, p.30.

⁸In: IMBERNÓN (org.). *A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre, RG: ArtMed, Editora, 2000, pp. 188 e 189.

2.2.3 Um perfil de formação exige mudanças na escola, segundo os professores.

As mudanças na escola são inevitáveis e imperativas, caso a instituição deseje continuar a desempenhar seu papel formativo na sociedade. Para isso, ela precisa rever e acatar, segundo o grupo pesquisado, novas práticas e novas concepções, que são:

- a escola deve ter estruturas dinâmicas e refratárias que possibilitem espaço para o trabalho criativo e a inovação, garantindo uma chance para os profissionais docentes exercerem atividades experimentais que possibilitem desenvolver novas habilidades, tornando-as práticas cotidianas;
- estar em sintonia com as necessidades da sociedade e do mercado;
- assumir seu papel, independentemente de mudanças, como a mola-mestra de uma sociedade organizada e civilizada;
- proporcionar melhores condições de trabalho para os professores, que muitas vezes, por falta de tempo e espaço, estão chegando depois dos alunos;
- a escola não é uma ilha de excelência de conhecimentos, mas é sua função coordenar e orientar os alunos em suas buscas pessoais;
- aproximar o que os alunos aprendem da realidade do mercado de trabalho que vão enfrentar, nem que para isso seja preciso abandonar certos “conteúdos” considerados como fundamentais;
- possibilitar espaços alternativos de aprendizagem para os alunos, que vão além da sala de aula: visitas às empresas, estágios (palestras com profissionais), com a finalidade de ampliar a visão do aluno sobre a realidade profissional;
- valorizar o que o professor produz, como base de investigação e subsídio para um processo de formação permanente.

2.3 O que pensam e sentem os professores envolvidos em um processo real de mudanças e reformas legais.

A priori, é importante considerar que as reformas que vêm ocorrendo no sistema educacional brasileiro são influenciadas por certas visões que têm origem em uma política envolvida em defender um certo ponto de vista, proveniente de um ideário neoliberal. Tendo consciência desse contexto, é que partimos para a análise dessas reformulações.

Um dos pontos bastante discutidos pelos professores refere-se aos motivos que corroboraram as reformulações na educação profissional, como o caso das escolas estaduais e federais técnicas, que mantinham estruturas organizacionais inchadas e de altos custos, e acabavam preparando os alunos para o ingresso nas universidades em detrimento da entrada no mercado de trabalho.

As escolas técnicas criadas para preparar mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho desviaram-se desse propósito na medida que ofereciam um número muito restrito de vagas e uma seleção muito rigorosa, privilegiando a entrada dos alunos melhor preparados e que tinham, na grande maioria, interesse em frequentar após o técnico um curso superior.

Contrariavam assim as recomendações do Banco Mundial, de que as escolas técnicas federais e estaduais devem beneficiar exclusivamente os que vão para o mercado de trabalho, sem ingressar na universidade.

Esses cursos seguem uma “lógica” de mercado e de mercadoria, pois devem reverter-se em recursos captados junto ao setor privado, por meio da identificação de perfis de conclusão, estudos de demanda e acompanhamento dos egressos, competências, habilidades e bases tecnológicas.

Ao serem consultados sobre o que pensam sobre as reformulações da educação profissional, os professores acabaram se dividindo em três grupos: os que concordam e reconhecem nas reformulações o seu caráter positivo; os que não concordam, e os que não são a favor nem contra.

Para os que acreditam que as reformulações têm um caráter positivo, ao desvincularem a educação profissional do ensino médio, os alunos têm garantido uma base de formação geral, sólida, que possibilita o exercício da cidadania, do pensamento crítico. Abandona-se o princípio de formação que tinha como concepção uma visão tecnicista unicamente instrumental, para uma concepção que visa à formação integral do homem, criando-se, finalmente, a possibilidade de relacionar a cultura à produção.

Os professores ressaltam que na estrutura educacional anterior (2º grau técnico), os alunos atribuíam menor valor às disciplinas do núcleo comum (formação geral) em relação à da parte diversificada (formação técnica), o que causava entre os professores de uma mesma unidade escolar uma certa rixa e indisposição, um clima contra a integração, dificultando a interdisciplinaridade, a troca de experiências e a parceria.

Para os professores que não acreditam nas reformulações, eles defendem o fato de que dentro dessa nova organização curricular, o aluno, para obter a certificação técnica, precisa cursar o ensino médio e a educação profissional, de forma concomitante ou seqüencial, levando mais tempo para se formar. Mas nem todos os alunos estão em condições financeiras que lhes permitam apenas estudar, e muitos precisam colaborar com a renda familiar ou até sustentar suas famílias.

Já alguns professores não são contra nem a favor das mudanças. Eles consideram que um curso completa o outro, respondendo às atuais exigências: uma formação que garanta a flexibilidade profissional, menos específica e mais generalista.

2.3.1 As dificuldades dos professores ante as reformas legais.

Estudos atuais apontam que as mudanças necessárias na escola apresentam-se como um grande desafio.

Essas mudanças refletem e impõem uma série de dificuldades para o trabalho docente, e entre as mais freqüentes as pesquisas indicam: integrar o currículo, propiciando uma formação contextualizada e holística; planejar para atender aos novos padrões de exigência profissional, articulando teoria e prática, significando mudanças de estratégias e de metodologias na forma de ensinar.⁹

Uma das formas de ajudar os professores a enfrentarem essas dificuldades é que as instituições busquem implantar um processo de formação permanente.

Um processo de formação que abandone o conceito de mera atualização científica, didática e psicológica, para o conceito de formação como descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção da teoria, e que tenha como linha cinco grandes eixos¹⁰:

- a reflexão prático-teórica sobre a própria prática mediante a análise, a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a realidade;
- a troca de experiências entre iguais;
- a união da formação a um projeto de trabalho;

⁹ HARGREAVES, Andy. EARL, L. MOORE S., MANNING S. *Aprendendo a Mudar: o Ensino para além dos conteúdos e da padronização*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2002, p. 112.

¹⁰ IMBERNÓN. *Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incertezas*. São Paulo: Cortez Editora, 2000, pp. 48-50.

- a formação como um estímulo crítico ante as práticas profissionais, como a hierarquia e outros mecanismos;
- o desenvolvimento profissional da instituição educativa mediante o trabalho conjunto para transformar a prática.

Dentre outras dificuldades, os professores também apontam a relação: conhecimento x tempo.

Essa relação tem causado um imenso sentimento de frustração nos professores, já que eles se sentem de certa forma, defasados e têm a opinião de que serão incapazes de “dar conta do recado”: muita coisa para aprender, atualizar-se, e muito pouco tempo, pois precisam lecionar em outras escolas ou exercer outras atividades profissionais além do magistério. Contudo, reconhecem a importância da vivência profissional como fonte de inspiração e aprendizagem para os alunos.

Esse paradoxo indica quanto os professores se sentem confusos, indecisos, quanto à sua identidade, profissionalização, e diante das mudanças.

Segundo os professores, uma grande dificuldade no exercício de práticas educativas inovadoras tem sido o rompimento de velhas e rígidas estruturas escolares, sua estruturação compartimentada e setorizada não propicia um trabalho coletivo e integrador.

Por outro lado, é preciso analisar essa questão com um certo cuidado. Vivemos um momento contraditório, quando é mais fácil sabermos o que não queremos do que o que queremos. Exige-se dos professores e da escola uma nova forma de atuação, porém pais e alunos não sabem muito bem qual seria. Novos conteúdos, desde que não afetem os exigidos na hora do vestibular. Novos sistemas de avaliação, desde que o aluno seja aprovado ou reprovado no final. Um currículo integral que considere a evolução do conhecimento dentro de uma formação integral, desde que dividido em módulos ou em disciplinas.

A escola tem sido uma das instituições modernas mais resistentes às mudanças. Esta afirmação é sustentada considerando seu papel político e social. Todavia, é preciso lembrar que a escola é organizada por pessoas para formar pessoas, e que mudanças desde que procurem fugir ao modismo devem envolver todos: professores, alunos, dirigentes, técnicos, pais e funcionários.

Os professores reconhecem que precisam estar preparados para as reformulações. A maneira como o ambiente profissional de ensino é organizado afeta diretamente o modo como os trabalhos intelectual e emocional do ensino são concretizados, colocando uma grande responsabilidade sobre os legisladores, administradores do sistema e líderes escolares, atribuindo-lhes três funções fundamentais¹¹:

- apoiar os professores, e quando necessário levá-los a implementar mudanças;
- garantir que as mudanças realizadas pelos professores sejam mantidas com o tempo;
- garantir que as mudanças sejam de caráter generalizante, devendo afetar sistemas inteiros.

Reformulações educativas significam também colaboração e comprometimento, criando um clima apoiador que ajude os professores a desenvolver e a implementar transformações em seu cotidiano da sala de aula.

Porém, não basta a aceitação das mudanças, os professores precisam preservar e superar os obstáculos à manutenção dessas inovações promissoras, para que não acabem se perdendo com o passar do tempo ante as inúmeras pressões e exigências mutáveis de políticas, de governos, de ministérios, de conselhos de educação.

2.3.2 Ser professor em um contexto de mudanças.

Os participantes deste estudo têm um perfil de professores quase idealizado, aproximando-nos do que diz Baillauquès¹² de uma imagem modernizada de “bom mestre”, que impõe um mestre-modelo, podendo acarretar um estímulo ou bloqueio do desenvolvimento profissional.

Assim, buscar uma definição do perfil do professor em um contexto atual de mudanças, na voz do professor é resgatar uma imagem que cada um faz de si perante esse modelo, é buscar suas representações.

¹¹ Hargreaves, Earl, Moore e Manning. Capítulo 7, que trata das questões de manutenção, apoio, e de sustentabilidade da mudança educacional (p. 151).

¹² PERRENOUD, PAQUALY, ALTET E CHARLIER (org.). *Formando professores profissionais: Que estratégias? Que competência?* Porto Alegre, RG: ArtMed, 2001, p.39.

Representações compreendidas aqui como (...) *instrumentos cognitivos de apreensão da realidade e de orientação das condutas; as representações dos professores podem ser consideradas como um dos meios a partir dos quais eles estruturam seu comportamento de estudo e de aprendizagem*”.¹³

A literatura indica que o perfil de professor que atenda às necessidades atuais está representado pelas idéias de um profissional reflexivo, capaz de auto-avaliação e avaliação, de atitudes críticas, de tomada de decisões, determinado a despendar tempo e energia para estimular situações de aprendizagem criativas e inovadoras.

As principais características do perfil do profissional de ensino, para os professores deste estudo, observando às reformulações legais e as transformações nas quais estamos envolvidos, são importantes indicadores para um processo de formação que propicie apoio e sustentação às iniciativas criativas e inovadoras de mudanças na prática docente.

O professor **flexível** deve ser capaz de atender os alunos como um todo, e como alguém que terá situações a serem resolvidas, muito diferentes das que ele próprio vivenciou.

O professor **pró-ativo** é aquele que se mantém em sintonia com seu contexto, prevendo e se preparando para enfrentar novas situações de ensino e aprendizagem.

Os educadores devem perceber que o ato de ensinar está além da transmissão de conteúdos e de métodos previamente definidos, sendo antes um processo de **reflexão e descoberta**. É um ato de **comunicação**, de situações de interação vivenciadas, em que a relação e a variedade das ações em cada situação permitirão, ou não, a diferentes alunos, o aprendizado em cada intervenção.¹⁴

O professor, ainda, deve ter um perfil **ousado e coerente** com a visão de um universo em constante transformação, buscando atualizar-se e aprender sempre, experimentando o novo, com o objetivo de acrescentar novas descobertas às já existentes, usando **o bom senso** de não abandonar o que deu certo.

¹³ In: Simone Baillauqués, Capítulo 2 do livro: *Formando professores profissionais: Que estratégias? Que competência?* Porto Alegre, RG: ArtMed, 2001, p.37.

¹⁴ ALTET In: PERRENOUD, PAQUALY, ALTET E CHARLIER (org.). *Formando professores profissionais: Que estratégias? Que competência?* Porto Alegre, RG: ArtMed Editora, 2001, p.26.

Outra dimensão que os professores reconhecem que deve ser valorizada nesse perfil profissional é a questão **humana e pessoal** da carreira docente, a busca da **identidade**. *Identidade* que, conforme Nóvoa¹⁵, é um lugar de lutas e conflitos, um espaço sempre em construção da maneira de ser e de estar na profissão, a maneira como cada um se sente e se diz professor, um processo complexo e que por isso demanda tempo.

O autor sustenta que existe hoje uma literatura científica referente a três grandes fases dentro do percurso evolutivo da investigação e pesquisa pedagógicas: a primeira, a busca das características intrínsecas ao “bom” professor; a segunda, a tentativa de encontrar o melhor método de ensino; e a terceira, a importância da análise do ensino no contexto real da sala de aula, com base no chamado *paradigma processo-produto*.

Essa evolução acabou impondo uma separação entre o *eu* pessoal e o *eu* profissional, refletindo-se na crise de identidade do professor.

Estudos expressam o processo que os professores têm vivido: nos anos 60, um período no qual os professores foram *ignorados*; nos anos 70, a fase em que os professores foram *esmagados*; nos anos 80, a fase de *controle* sobre os professores. Foi só a partir dos anos 90 que o professor finalmente passou a ser recolocado no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. “*Estamos no cerne do processo identitário da profissão docente que, mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor*”.¹⁶

Segundo os professores, outra característica marcante desse perfil do professor é a **capacidade de articular** os conhecimentos teóricos e práticos, aproximando os conteúdos estudados da realidade que os alunos irão enfrentar na vida pessoal e na vida profissional. O que especialmente na educação profissional significa uma grande diferença.

Além de colaborar com os alunos na edificação do conhecimento teórico, o professor da educação profissional tem que ter a habilidade de extrair conhecimentos de sua prática, **refletindo sobre e para a prática**, a partir do exercício de sua profissão.

¹⁵ NÓVOA, Antonio. *Vidas de Professor*. Portugal: Porto Editora, 1995, pp. 14-30.

¹⁶ Cf. p. 15.

Para Perrenoud,¹⁷ a **prática do profissional reflexivo** é uma postura permanente que o docente deve ter na e sobre sua ação, estabelecendo um relação de análise, a qual deverá tornar-se independente dos obstáculos ou das decepções encontradas em seu cotidiano. E este autor preceitua: *Uma prática reflexiva pressupõe uma postura, uma forma de identidade, um habitus. Sua realidade não é medida por discurso ou por intenções, mas pelo lugar, pela natureza e pelas conseqüências da reflexão no exercício cotidiano da profissão, seja em situação de crise ou de fracasso, seja em velocidade de cruzeiro.*¹⁸

De forma geral, o que observamos no discurso dos professores é que o profissional para enfrentar as mudanças, participar, criar, colocá-las em prática e sustentá-las precisa possuir um conjunto de conhecimentos e saberes amplos, técnicos, didáticos e transversais, construídos ao longo de sua carreira e na troca com seus pares. Um processo que necessita de tempo, maturidade, apoio institucional, crédito e crença na profissão, pela sociedade e por todos os que a exercem.

Bibliografia:

- BOGDAN, Robert C. & BIKLEN, Sari K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- HARGREAVES, Andy. EARL L., MOORE S., MANNING S. *Aprendendo a Mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2002.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- IMBERNÓN, F. (org.) *A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2000.
- KUENZER, Acácia Z. *O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido o dito e o feito*. Educação & Sociedade – Dossiê do Ensino Médio, Campinas: CEDES, nº 70, abril 2000, pp. 15-39.
- NÓVOA, António. *Vidas de Professores*. Portugal: Porto Editora, 1995.

¹⁷ PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no Ofício do Professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre, RG: Art Méd, 2002, Capítulo 1.

¹⁸ Cf. p.13

PERRENOUD, Philippe, PAQUAY, Leopold, ALTET, Marguerite, CHARLIER, Évelyne (orgs.). *Formando professores profissionais: Que estratégia? Que competência*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2001.

_____. *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2002.

POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre, RS: ArtMed Editora, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21. ed. ver. e amp. São Paulo: Cortez Editora, 2000.